

O fenômeno da criação poética

The phenomenon of poetic creation

DOI: Foi-se com os bilhões em isenções fiscais do estado do Rio às grandes empresas

Dr. Gilmar Leite Ferreira*

poetagitmar@gmail.com

Universidade Federal da Paraíba - PA

O artigo aborda o fenômeno da criação poética, o qual acontece por meio da experiência sensível do poeta entrelaçada com os signos da cultura, realizando-se na fundação de um logos estético. Fundamentado na filosofia de Merleau-Ponty, mais precisamente nas obras, *Fenomenologia da Percepção*, *A Prosa do Mundo* e *A Linguagem Indireta e as Vozes do Silêncio*, interpreta-se a relação entre o poeta-corpo-mundo, como um campo de criação, revelado na linguagem e na expressão, por meio da poesia. O entrelaçamento do poeta com o mundo vivido mostra que a criação poética é um tecido bordado com as cores do perceber, do sentir, do expressar, numa transubstanciação que revela o poeta, o corpo, a cultura e a poesia, como um único Ser.

PALAVRAS-CHAVE Criação. Poética. Fenomenologia. Experiência Estética

The article deals with the phenomenon of poetic creation, which happens through the poet's sensitive experience intertwined with the signs of culture, being realized in the foundation of an aesthetic logos. Based on the philosophy of Merleau-Ponty, more precisely in the works, *Phenomenology of Perception*, *The Prose of the World* and *Indirect Language and the Voices of Silence*, the relationship between the poet-body-world is interpreted as a field of creation, Revealed language and expression, through poetry. The intertwining of the poet with the lived world shows that poetic creation is a fabric embroidered with the colors of perceiving, feeling, expressing, a transubstantiation that reveals the poet, body, culture and poetry as a single Being.

KEYWORDS Poetic Creation. Phenomenology. Aesthetic Experience.

* Integrante do Grupo de Pesquisa - Estesia, Fenomenologia, Corpo e Movimento (UFRN) e do Grupo de Estudo e Pesquisas em Educação, Sociedade e Cultura (GEPEDUSC), (UFPB).

Introdução

Este artigo, ora apresentado, é uma descrição fenomenológica da relação poeta-corpo-mundo, tendo como fundamento teórico as obras, *Fenomenologia da Percepção*, *A Prosa do Mundo* e *A Linguagem Indireta e as Vozes do Silêncio*, do filósofo francês Maurice Merleau-Ponty. Referenciando tais obras e de outros autores, busca-se interpretar o poeta no mundo da introspecção, atento e interligado com os signos da cultura, dimensionado por meio da experiência sensível, afetado pela estesia dos sentidos, apaixonado pelo encanto das palavras poéticas, embriagado pelo álcool da imaginação, embevecido pela ternura da expressão criativa, impregnado de signos do mundo, despertado pela cognição sensível e entregue às coisas do sentir, para realização da criação poética, a qual se realiza na linguagem e na expressão. Esse movimento de encantamento e revelação mostra o fenômeno da criação poética, a partir da experiência sensível do poeta e a sua relação com os signos da cultura. Por isso, o objeto dessa pesquisa, é o *Ekstasis* (Êxtase) no ato da criação. É o arrebatamento estesiológico do sensível, movendo a dimensão corpórea no momento em que o poeta está entregue por inteiro no instante da criação. Esse fluxo do sensível poético é dimensionado para o campo da linguagem e da expressão, proporcionando ao poeta se comunicar com o mundo e consigo mesmo.

O presente trabalho de pesquisa, fundamentado na filosofia de Merleau-Ponty e na minha experiência de poeta, compreende a criação poética não como apropriação de uma entidade superior, impulsionando o processo da criação, ou um espírito poético que encarna em um corpo; muito menos na concepção genética, determinando biologicamente a criação, mas sim, em uma complexa rede de relações orgânicas e culturais do poeta no mundo vivido¹. Essa compreensão fenomenológica mostra que o poeta tanto está em si como está no mundo! É impossível construir um poema se o poeta não estiver atento por meio dos sentidos ao que se passa ao redor (mundo da cultura) do seu ser ou na sua dimensão corpórea. Essa diversa relação mostra que existe um entrelaçamento do que é sentido com o percebido, num diálogo constante, para realização da expressão criativa.

¹ A expressão Mundo Vivido é uma tentativa de tradução da expressão alemã *Lebenswelt* tema primeiro da Fenomenologia, que diz respeito ao mundo pré-reflexivo. O *Lebenswelt* ganha força com o entendimento sobre a questão da verdade, a partir da obra de Husserl – *Investigações Lógicas*. Nesta, a verdade não pode ser definida como adequação do pensamento ao objeto, não sendo definida a priori pelo sujeito e nem contemplada na pura exterioridade do objeto. A verdade é definida na evidência da experiência vivida. O vivido não é um sentimento, mas refere-se à percepção como modo original da consciência. (NÓBREGA, 1999, p. 18).

Quando o poeta está no processo de criação, não são só a mão e o pensamento agindo na elaboração de um poema, como se o pensamento precisasse de um guindaste (mão) para realizar a sua tarefa. No momento da criação, o organismo se desdobra, o corpo se movimenta, os sentidos acendem as lanternas da intuição, o olhar sensível do poeta capta o que se percebe de si mesmo e do mundo, para em seguida, surgir o poema, revelando por meio da linguagem a existência do poeta. Portanto, o corpo é o campo no qual se realizam e se manifestam todas as ações humanas. “Por mais espirituais que sejamos a carne é a nossa condição humana. Abandoná-la por completo revela-se impossível” (RUSSO, 2007, p. 16). Pensar o homem sem corpo é negar a nossa própria existência, visto que o homem é um ser que cria, produz, sente, age, movimenta-se, cria linguagens e se relaciona por meio do corpo.

Ao conceber a dimensão corpórea como o campo da criação poética, interpreta-se o corpo e a poesia como uma expressão sensível do poeta, realizando-se na criação de um logos estético que se transforma numa linguagem sensível. Nesse sentido, o método fenomenológico proporcionou-me interpretar o fenômeno da criação poética como um horizonte constante de sentidos, onde a poesia e o corpo estão sempre dialogando, possibilitando a criação de novos significados, abrindo vários caminhos para diversas compreensões e alertando para não cair no costume da interpretação imediata ou acomodada. Por isso, a atitude fenomenológica fez-me ficar sempre em alerta, dando passos cuidadosos, em uma trilha que me levou a diversas interpretações por meio da leitura, da escrita e o diálogo constante com os alguns autores que fazem parte desse texto, os quais me deram condições epistemológicas e sensíveis para interpretar o fenômeno da criação poética, realizando no campo da linguagem e da expressão.

1. A criação poética

Entre as fronteiras da imaginação, da intuição, da dimensão sensível, dos signos do mundo cultural, aberto as significações e sentidos da vida, o poeta move-se com as pernas da criação poética, transformando a sua existência num logos estético, o qual se configura numa expressão artística, pautada de organicidade e da ligação com o mundo da vida, experimentado esteticamente, por intermédio de uma sinergia repleta de sentidos e que se dimensiona numa “*Linguagem Indireta*”, fluida, que muitas vezes diz do poeta e outras ficam em silêncio, de forma tácita, para se fazer presente em novas revelações. A poesia, que nasce do silêncio ou dos turbilhões de ruídos do Ser-noMundo, rasga a carne da existência, tornando o corpo senciente/sensível, o qual se expressa numa

linguagem criativa e ontológica. “É preciso que ela seja a poesia, isto é, que desperte e reconvoque por inteiro o nosso puro poder de expressar, para além das coisas já ditas ou já vistas” (MERLEAU-PONTY, 2002, p. 82).

A linguagem sem as vestes do chamado pensamento superior, construída pela experiência do corpo no mundo, não se resume apenas às palavras articuladas pelas ideias fixas. Ela é a forma do corpo em movimento, no qual o gesto e o olhar revelam, a cada instante, o homem na sua forma de ser.

Muito mais do que um meio, a linguagem é algo como um ser, e é por isso que consegue tão bem tornar alguém presente para nós; a palavra de um amigo ao telefone nos dá ele próprio como se estivesse inteiro a nossa maneira de interpelar e de despedir-se, de começar e terminar as frases, de caminhar pelas coisas não ditas. O sentido é o movimento total da palavra, e é por isso que nosso pensamento demora-se na linguagem (MERLEAU-PONTY, 2004, p.71)

A palavra traz, no seu âmago, o espírito da linguagem. Quando se desnudam as palavras de um poema, percebemos todo um universo em movimento, mostrando as expressões do mundo vivido e percebido pelo poeta. Cada sentido de ser, do homem, no campo dimensional da sua totalidade, a linguagem é um grande veículo do corpo. A linguagem se apropria do corpo, e este, apropria-se da linguagem. O corpo atua sendo linguagem; e esta atua sendo o corpo. Então, corpo e linguagem são dois seres entrelaçados e revelados numa expressão total.

A linguagem é provavelmente a mais característica, a mais específica criação humana. Com alguns sons, recombinações, criamos centenas de milhares de palavras de uma língua. Com pequenos pedaços que têm significados, possibilitamos a memória e a compreensão de centenas de milhares de signos verbais. E mais ainda: com a dimensão figurada, com a linguagem simbólica experimentamos, em um instante de comunicação, a infinitude das significações. Não há limite final para a criação dos sentidos, que faz parte da condição do homem (e de cada homem), que é parte da história do humano e da vida na terra e no cosmos. (ANTONIO, 2002, p. 23)

No fenômeno da linguagem poética, a palavra tem sons da alma, dos sentidos e do mundo com as vestes do sensível. Nela, é possível perceber um mundo de encantamento explodindo as mais belas imagens pintadas pelo sensível, numa dimensão de cores infindáveis. Ela diz coisas de nós mesmos e do mundo. Mas também fica em silêncio para o impensado. A linguagem “torce” as coisas, reinventa novos signos.

A linguagem literária só pode dizer coisas novas as condições de comungarmos dos nossos interesses por ela, de cessarmos de examinar de onde ela vem para segui-la aonde ela vai, de deixarmos as palavras, os meios de expressão do livro se envolverem nessa névoa de significação que eles devem a seu arranjo singular, e todo escrito de voltar para um valor segundo e tácito onde ele quase alcança a irradiação muda da pintura (MERLEAU-PONTY, 2002, p. 119)

Sem a linguagem, não haveria comunicação, e sem poesia não existiria o humano se mostrando para o mundo como uma forma de beleza e expressão. É na linguagem poética que o homem seduz as palavras, tornando-as grávidas de sentidos, as quais revelam um mundo de significações. Nesse processo, o poeta cria a si próprio e ao mundo que ele percebeu. Nessa ligação do homem com a linguagem, sendo esta um meio de comunicação, e com a poesia como forma da expressão humana, nasce um mundo de cultura e de signos.

Por isso, penso o poeta como um ser corpóreo, interligado com o mundo por meio da sensibilidade. É pelas sensações do corpo que o poeta se entrega ao devaneio da criação e revela-se, transformando o sentimento e as imagens em palavras, numa unificação do corpo com o mundo percebido. Esse movimento de criação, do corpo inacabado, revela um campo sempre em movimento, fundando uma nova expressão.

O corpo nunca está pronto e acabado, mas se constitui caminheiro, andarilho, na cadência dos ciclos recurvados do devir, do nosso estar sendo no mundo. Constitui-se como *poiesis*, como *autopoiesis*, ao se criar e se recriar constantemente com ela de sua poeticidade, em sua condição de ser inacabado e itinerante, itinerante. É movido por suas instâncias implicadas de caos

e de cosmos – da caosmose - de ordem e desordem, de permanências e de alterações constantes. Como potência imaginal e criante, marcado de imanência e de transcendência, o corpo é um constante estar sendo em seus processos de mutação e de transformação. Como ser híbrido, composto de caos e de cosmos, corpo este, sempre preenhe das potencialidades de mutação que o vivificam e renovam, que o mantem redivívio (ARAÚJO, 2008, p. 74).

A expressão do poeta inserido no mundo vivido, sempre em transformação, mostra que o homem não é só um corpo sensorial, é também um corpo cultural, inserido dentro de uma sociedade. Portanto, penso o corpo a partir da sua relação com outros corpos, com os símbolos da cultura, com sua maneira de ser e estar no mundo, sempre interligado com o que se passa ao redor de si e em si mesmo.

O corpo cultural é a representação do homem na condição de sujeito de uma cultura, representada por toda uma gama de signos dentro do processo histórico e cultural. É a linguagem humana dentro da sociedade em que está inserida.

Somos não só um corpo sensorial, mas também um corpo portador de técnicas, estilos e condutas aos quais corresponde toda uma camada superior de objetos: objetos culturais aos quais as modalidades de nosso estilo corporal conferem certa fisionomia (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 542).

Por intermédio do sensível, da ligação com os signos da cultura, o olhar corpóreo capta as manifestações exteriores que estão para além da visão, e o invisível passa a ser visível, ganhando uma nova dimensão por meio da palavra que expressa o que está no corpo e no mundo. Por isso, compreendo o corpo feito de palavras, de idiossincrasias, de recolhimento e de uma fenomenologia da expressão.

Portanto, a cultura nunca nos oferece significações absolutamente transparentes, a gênese do sentido nunca está terminada. Aquele que chamamos com razão nossa verdade, sempre a contemplamos apenas num contexto que datam nosso saber. Sempre lidamos com arquitetura de signos cujo sentido não pode ser posto à par-

te, pois ele nada mais é senão a maneira pela qual se distinguem um do outro – sem que tenhamos sequer a consolação melancólica de um vago relativismo, já que cada uma dessas operações é realmente uma verdade e estará salva da verdade mais compreensiva do futuro (MERLAU-PONTY, 2004, p. 70)

Os signos percebidos pelo olhar poético criam um campo de significação, encarnando a palavra no universo da cultura, do estilo pessoal e da condição sensível. Essa ampla dimensão, do perceber poético, consegue enxergar o invisível, e juntos, corpo e poesia, pela dimensão dos sentidos, interagem numa dialética de visibilidade, construindo o real a partir da expressão que surge da subjetividade.

A poesia habita a existência intuitiva do poeta na condição de revelar-se, e quando o corpo se entrega ao mundo do sensível, ao ser penetrado pelo universo da experiência vivida, amplia-se no campo do logos estético. Nesse sentido, o estado da criação poética dimensiona a visão para o mundo das imagens, transformando-as em poesia por meio da linguagem.

Para perceber as coisas do mundo, o corpo não só se mostra como um receptor. Seu diálogo tanto se faz de fora para dentro como de dentro para fora. Assim, penso na possibilidade de a poesia contribuir para desvelar o Ser; colocá-lo na claridade do mundo, tirando-o do oculto, e torná-lo presente na linguagem, que se revela por meio da criação poética.

O Ser poeta é o Ser da criação a partir das coisas indeterminadas e, muitas vezes, imperceptíveis pelo olhar comum. Merleau-Ponty unificou a antítese da subjetividade e a da objetividade, proporcionando a intersubjetividade, por meio do entrelaçamento, abrindo o horizonte da unicidade para uma nova forma de perceber o mundo. O poeta junta coisas antagônicas no momento da criação, dando novos significados e revelando outra forma de observar as coisas para além do previsível.

Ao olhar por meio dos sentidos, o corpo enxerga, por intermédio da poesia, o que está ocultado e constrói um mundo de imagens a partir do que não estava visível ao olhar comum, sem o uso do sensível. Ao olhar para o mundo, por meio do sensível, o poeta “vê mil curvas numa estrada reta” (GOMES, 1985, p.55).

Não existe uma entidade mística nem a concepção biológica determinando o momento exato da criação. É a metafísica² do poeta em relação com

2 A metafísica, nesse texto, refere-se à expressão do poeta no mundo vivido. É a sua revelação por meio das palavras e da expressão do corpo. Não é uma ideia fixa ou uma meditação fundada no imutável e na essencialidade do ser introspectivo. É a existência indeterminada e minada

o mundo vivido que se passa todo processo criativo. A poesia nasce porque temos um corpo e não apenas porque possuímos um espírito ou uma condição puramente genética. Mas, para que a poesia possa se mostrar, é necessário que o corpo esteja em relação com o mundo por meio dos sentidos. “Esse sujeito, que se sente constituído no momento em que funciona como constituinte, é o meu corpo” (MERLEAU-PONTY, 1989, p. 86).

Construir um mundo pela poesia é usar o corpo na forma ampla de relação. Quando o poeta escreve, ele escreve com o corpo. Seria impossível o espírito escrever algo sem a presença do corpo. É o Ser em sua totalidade orgânica e cultural que atribui sentidos e dá forma às coisas, transformando o mundo vivido em linguagem e expressão. É lançando o corpo ao mundo que o poeta o transforma em poesia. Nesse sentido, o mundo torna-se constituído de uma “*linguagem indireta*”, que não se posta a dizer tudo do mundo de forma clara, direta, objetivada. A linguagem na literatura poética é transgressora do previsível, pois surge do silêncio, dos gestos e das expressões inacabadas, constituindo-se dos intervalos da experiência estética e do eclodir do Ser poeta no mundo.

Por meio do logos sensível, estético, coloca-se a experiência perceptiva como campo de possibilidades para o conhecimento investido de plasticidade e belezas de formas, cores e sons. O corpo e o conhecimento sensível são compreendidos como uma obra de arte, aberta e inacabada, horizontes abertos pela percepção (NÓBREGA, 1999, p. 125)

O espetáculo do mundo aberto ao poeta é a espera do processo de um fazer de imagens e signos que, corporalmente, manifestam-se na dimensão do sensível, dando formas literárias por meio do que foi percebido no mundo vivido. Quando as imagens surgem criando formas pelas palavras, é o olhar corpóreo que se projeta pelo movimento, revelando o envolvimento da percepção, dando uma nova dimensão do Ser, fazendo da linguagem uma forma de se mostrar ao mundo.

O fazer poesia tem sua dimensão no corpo como abertura ampla dos sentidos para as coisas do sensível, nas quais o viver estético ultrapassa qualquer concepção determinista, que se resume no mundo da repetição e sem aber-

pelas coisas do mundo, onde o poeta está sempre “explodindo de poesias” e se revelando, de acordo com as suas experiências vividas. Enfim, é uma metafísica pulsante, sempre em movimento e repleta de sentidos e significados (MERLEAU-PONTY, 1999).

tura. Segundo Merleau-Ponty, o mundo do visível e do vidente se faz presente em um único Ser, no corpo, que, ao ver o mundo, é também visto por ele. No campo do saber e da cultura, brota o entrelaçamento do humano com o mundo. O quiasma³(entrelaçamento) configura-se entre as dobras do objetivo e do subjetivo, na interseção do encontro; e se realiza na reversibilidade, fundando sempre uma nova expressão. Ele é a ligação do vidente com o visível, onde as coisas se apalpam, esposam-se e se interpenetram num cruzamento de acontecimentos, sem hierarquias nem determinações. Os fios da vida, repletos de significações, ampliam o entrelaçamento para a realização do que ainda não aconteceu e pode criar horizontes de sentidos (MERLEAU-PONTY, 2000).

Sem, portanto, entrarmos nas implicações próprias do vidente e do visível; sabemos que, sendo a visão palpção pelo o olhar, é preciso que também ela se inscreva na ordem que nos desvela, é preciso que aquele que olha não seja ele próprio, estranho ao que olha (MERLEAU-PONTY, 2000, p.130).

Para que possamos perceber as coisas com profundidade é preciso olhar para ver. Ao penetrarmos no visível por meio do olhar sensível, percebemos o desvelamento de coisas que até então se faziam invisíveis. No entrelaçamento do mundo do vidente com o do visível, a poesia nasce mostrando sua maneira peculiar de se revelar para o olhar que se propõe a enxergá-la. Nesse campo fenomenológico, de entrelaçamento, no qual a ontologia da expressão se anuncia, amplia-se o sentido de ver. Por isso, o próprio Cézanne dizia sentir a pintura olhando para ele (MERLEAU-PONTY, 2004). Nesse sentido, o vidente e o visível, formam um único Ser, numa familiaridade de dois sujeitos feitos do mesmo estofado do mundo.

O visível a nossa volta parece repousar em si mesmo. É como se a visão se formasse em seu âmago ou como se houvesse entre eles e nós uma familiaridade de tão estreita como a do mar e da praia (MERLEAU-PONTY, 2000, p.128).

3 O conceito de quiasma recolhe a verdade fenomenológica da distinção entre o sentido da interioridade e o sentido de ser da exterioridade, recusando ao mesmo tempo considerá-los como separados ou separáveis (DUPOND, 2011, p. 63).

Para o filósofo citado, o corpo não é compreendido como a junção de partes distintas, articuladas de forma mecânica, e nem a criação é um estado de recepção de um espírito, vindo de algum lugar, para animar todo processo da criação, mas sim, é a explosão do “Ser Selvagem”⁴ (Ser da Criação), na relação Corpo-Mundo que se faz presente na expressão criativa. O “Ser Selvagem” antecede a reflexão e se faz presente no que ainda não foi constituído.

Podemos compreender que a expressão criativa, no campo da poesia, não é simplesmente o ato de se criar algo, mas sim de mostrar que é vendo o mundo que o poeta faz a poesia nascer, transformando-se na palavra poética. Mas se faz necessário que haja um abandono de si mesmo, uma suspensão, um alheamento, para depois o retorno e, em seguida, a explosão do corpo, numa estesia repleta de poesia.

O estado poético, dimensionado pela estesia, impulsiona o corpo para o mundo do sentir. A noção estesia diz respeito à abertura dos sentidos, como uma antena ligada para perceber as coisas que compõem a vida, sempre proporcionando um novo sentir e a possível fundação de um logos estético.

Nas coisas visíveis e no olhar que dialoga com o mundo, surge uma relação ampla entre o visível e o vidente. É no entregar-se ao mundo que este se posta à nossa frente, despertando o olhar para além da visão comum e buscando, por meio do sensível, o entrelaçamento do vidente e do visível.

Talvez agora se perceba melhor todo o alcance da palavra ver: a visão não é certo modo de pensamento ou presença a si: é o meio que me é dado de estar ausente de mim mesmo, de assistir por dentro da fissão do Ser, ao término do qual somente me fecho sobre mim (MERLEAU-PONTY, 2000, p. 42).

A visão sensível desloca-nos para o mundo do visível e do invisível e, por ela, somos capazes de alcançar a imensidão do mar, o ballet das estrelas cadentes, a profundidade do oceano, o momento sutil de um colibri beijando uma delicada flor, o perfume de uma rosa que se encontra oculto na semente, o aproximar de mundos distantes e o afastamento das coisas próximas, enfim, o olhar sensível é um transporte que nos leva aos mais distantes e “inalcançáveis” lugares.

4 O “Ser Selvagem” de Merleau-Ponty é o ser da criação; ele habita as interseções do corpo-em-movimento; o abismo das expressões inacabadas; o silêncio de cada gesto que grita; a linguagem muda que fala alto; o impensado, a arte que está sempre por se fazer; a estesia da experiência estética; a explosão metafísica da expressão criativa e o eclodir do Ser no mundo (MERLEAU-PONTY, 2000).

Sem, portanto, entrarmos nas implicações próprias do vidente e do visível, sabemos que, sendo a visão palpação pelo olhar, é preciso que também ela se inscreva na ordem do ser que nos desvela, é preciso que aquele que olha não seja, ele próprio, estranho ao mundo que olha. Uma vez que vejo, que a visão seja redobrada por uma visão complementar ou por outra visão: eu mesmo visto de fora, tal como o outro me visse, instalado no meio do visível, no ato de considerá-lo de certo lugar (MERLEAU-PONTY, 2000, p. 131).

É preciso que, ao olhar algo, a visão não busque o que está estabelecido. É necessário olhar como se fosse a primeira vez. Nada se mostra de forma inteira, desnuda, e, mesmo o olhar com todo poder de alcance, não consegue ver as coisas completamente, porque elas se escondem nas dobras da linguagem, nas silhuetas da expressão inacabada e no silêncio da comunicação. Sendo a visão o meio de penetrar nas coisas, de conhecer os segredos do visível e do invisível, necessita-se de um entrelaçamento do vidente e do visível para que, em seguida, o olhar penetre nas coisas do mundo.

Nesse sentido de ausência e presença, para perceber o mundo e a si mesmo, descobrem-se, por meio da visão, mundos latentes, invisíveis, que esperam tornarem-se visíveis pela condição sensível do olhar. O visível é uma membrana permeável que nos leva à profundidade das coisas para esposá-las através do olhar sensível. “Mas é próprio do visível, dizíamos, ser a superfície de uma profundidade inesgotável: é o que torna possível a outras visões além da minha” (MERLEAU-PONTY, 2000, p.139).

O Ser da profundidade não é um Ser imerso no mundo psíquico ou no das ideias (segundo a psicologia e a filosofia clássica), que transcende por meio da metafísica clássica, mas sim, no do corpo, que, a cada experiência vivida, se transforma e se expande repleto de sentidos e significados. Para alcançar o espetáculo do mundo, é preciso que o corpo se abra e seja tomado pela estesia, pelo estranhamento, pelo silêncio e pela fluidez do movimento da vida.

O romper da superfície do visível, por meio da poesia, busca um mundo latente no invisível e que espera ser alcançado por meio da visão. É o que diz Merleau-Ponty sobre alcançarmos com a visão “onde quer que estejam, seres reais, esse poder recorre ainda à visão, reemprega os meios de obtermos dela (MERLEAU-PONTY, 2000, p. 42)”. Nessa capacidade de ver, de desvendar o mundo, de se entregar a ele, de enchê-lo de visões sensíveis e de transbordá-lo de poesias, são construídas novas formas de se ver, saindo do olhar comum, entregando-se às coisas por meio dos sentidos.

A filosofia de Merleau-Ponty não se faz presente nas coisas determinadas, ela nos leva ao entrelaçamento do mundo, juntando paradoxos, por meio da intersubjetividade. Ela não é simplesmente uma dialética de opostos, de antíteses em busca de uma síntese acabada, mas sim, de movimento e ampliação da expressão criativa, sempre se renovando e jamais como um ponto final; como um espaço aberto à linguagem e à expressão do ser-no-mundo.

O desdobrar da visão consegue criar, nos espaços existentes, outras possibilidades de se ver. A visão desvenda e encontra no silêncio da linguagem um mundo vivo, expressivo e em constante movimento. Também, penso o ensível como um mundo oculto e, ao mesmo tempo, visível e perceptível ao contato e à convivência com as coisas que nos afetam. Isso mostra que a experiência é a capacidade de mundo que percebemos e vivemos. Portanto, ela é a nossa fundação de existência.

A partir do momento em que, cessando de viver na evidência do jogo – seja o objeto sensorial ou objeto da ciência – ao percebermos indissolivelmente a subjetividade radical de toda a nossa experiência e seu valor de verdade. Nossa experiência é nossa. Isso significa que ela não é a medida de todo ser em si, imaginável, mas que, entretanto, é coexistência a todoser de que possamos ter noção (MERLEAU-PONTY, 1989, p. 135).

No campo da experiência do sentir, a dimensão da poesia é a expressão do mundo, pois o poeta e o mundo estão entrelaçados, tocados e visíveis um ao outro, sem separação nem hierarquias.

A polpa do sensível, o seu indefinível, não é outra coisa senão a união nele do “dentro” e do “fora”, o contato em espessura de si consigo – O absoluto do “sensível”, é essa explosão estabilizada, e, que comporta o retorno (MERLEAU-PONTY, 2000, p. 240).

O poeta entrega-se ao mundo, por meio do quiasma (entrelaçamento), para viver a experiência da intercorporeidade, fundando uma existência interligada com as coisas do sentir fenomenológico, abrindo o campo da expressão e da linguagem, numa comunicação pautada de signos e sentidos.

O *outrem* não é tanto uma liberdade vista de fora como destino e fatalidade, um sujeito rival de outro sujeito, mas um prisioneiro no circuito que o liga ao mundo, como nós próprios, e assim também no circuito que o liga a nós – É este mundo que nos é comum, é *intermundo* (MERLEAU-PONTY, 2000, p. 241).

Reconhecer o mundo é estar ligado a ele por meio da dimensão sensível para uma vida que se faz para si e para outrem, juntando paradoxos. Pelas experiências vividas o corpo amplia a existência, como o sol que ao nascer, amplia nossa visão e nos faz ver a natureza diferente a cada manhã. Há sempre um recomeço do *Ser-Corpo* no mundo, que, como a própria vida, flui no rio das indeterminações e deixa-se descer no movimento das águas, que nos leva a toda parte e parte alguma. O corpo move a poesia, e a poesia move o corpo numa dialética que se expande através da metafísica do sensível, interpondo-se ao mundo.

O corpo interposto não é propriamente uma coisa, matéria intersticial, tecido conjuntivo, mas um *sensível para si*, o que quer dizer não este absurdo: cor que se vê, superfície que se apalpa, mas este paradoxo {?}: conjunto de cores e superfícies habitadas por um ato, uma visão, portanto, *sensível exemplar*, que capacita a quem o habita e o sente de sentir tudo o que de fora se assemelha, de sorte que, preso no tecido das coisas, o atrai inteiramente, o incorpora e, pelo mesmo movimento, comunica às coisas sobre as quais se fecha, essa identidade sem superposição, essa diferença sem contradição, essa distância do interior e do exterior, que constituem seu segredo natal (MERLEAU-PONTY, 2000, p.132).

O eclodir da poesia movimenta os sentidos, explode as sensações; revela o Ser sensível com as expressões da linguagem; inunda o corpo com a enchente sinérgica da estesia e expande o mover-se para o mundo.

A poesia é dor que sangra da angústia do poeta com o mundo vivido a partir das suas próprias interrogações enquanto ser-no-mundo, sempre se questionando e se mostrando grávido de linguagens que transbordam do corpo uma enchente de expressões sinérgicas do mundo interior, repleto de incertezas. Essa angústia está presente na dúvida de Cézanne, que, ao pintar a natureza que o afetava de forma profunda, na sua angústia e solidão, questionava sua obra de arte por colocar nela os contornos, os vazios e as indeterminações da sua própria existência.

O reconhecimento de uma vida individual que anima todas as vidas passadas e contemporâneas e delas recebem toda a vida – de uma luz que brota delas para nós contra toda esperança, é a consciência metafísica, cujo primeiro grau é o espanto da descoberta da defrontação dos contrários; e o segundo grau, reconhecimento de sua identidade na simplicidade do fazer. A consciência metafísica não possui outros objetos além daqueles da experiência cotidiana: este mundo, os outros, a história humana, a verdade, a cultura. Porém, em vez de tomá-los já prontos, como consequências sem premissas ou como obviedade redescobre sua estranheza fundamental para mim e o milagre da sua aparição (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 136).

A metafísica do poeta expressa através do sensível a sua poesia, a qual enche a si mesmo e o outrem por meio da expressão criativa. Ela revela um Ser em constantes transformações, sempre repleto de reticências, pois, por mais que a poesia mostre o seu mundo de existência, algo ficará oculto, e de acordo com o mundo vivido, outras transsubstanciações através de novas experiências vividas surgirão nos versos que eclodirão do seu ser sensível.

No mundo do fazer poético, as águas da criação não têm um lago determinado esperando as correntezas para um desaguar final. A cada expressão criativa, novas correntezas poéticas surgem da montanha corporal e descem entre os devaneios da experiência sensível, construindo nova dimensão de ser.

A poesia não deve ser concebida apenas a partir das concepções de estilo literário (poesia rimada, metrificada, poesia livre, poesia clássica, poesia moderna, poesia concreta, poesia visual, poema processo, entre outros estilos). Muito menos ser vista como técnica, ou ainda como expressão de formas linguísticas e demais maneiras que constituem sua construção de estrutura. Ela deve ser percebida como a metafísica da existência sensível do poeta, assim como a vela que expande a sua claridade para vários cantos, mostrando que ela não é um simples objeto, mas sim uma qualidade que se revela através da luz.

Aquilo que sentimos, a coisa sensível, o mundo sensível, o correlato do meu corpo ativo, o que lhe “responde”; o que sente não posso pôr um único sensível sem colocá-lo arrancado da minha carne, colhido da minha carne, e a minha própria carne é um dos sensíveis no

qual se faz a inscrição de todos os outros, sensível pivô do qual participam todos os demais. Sensível-chave, sensível dimensional, meu corpo é no mais alto grau, aquilo que qualquer coisa é: um *isto* é *dimensional*. É a coisa universal (MERLEAU-PONTY, 2000, p 234).

A poesia é feita das coisas do mundo, portanto ela é carne do mundo. É fluidez que escorre e germina cada grão da existência de um mundo que nunca se esgota, que se revela a cada experiência vivida, como o próprio Cézanne, que germinava na pintura a metafísica da sua existência, sempre confusa e indeterminada.

No sentido geral, o corpo, como carne⁵ do mundo, não tem caminhos prontos a serem seguidos; trilhas abertas esperando passos certos e terras exploradas a serem cultivadas. Ele, como algo aberto, indeterminado e imprevisível, possui grutas profundas, cavernas inexploradas e florestas a serem percorridas. A poesia é feita da carne do mundo e da carne do poeta, portanto, mostra-se como um Ser, o qual revela o poeta e o mundo, espargindo sensibilidade por intermédio de uma ontológica expressão criativa.

Como bálsamo, a poesia alivia as angústias da alma e, como um rio suave e sereno, inunda cada parte do corpo, irrigando a existência através das palavras sutis, encantadoras, que enternecem o espírito, com toques de plumas que acariciam os recantos dos sentidos.

A poesia é antídoto contra a insignificação. É uma das mais intensas experiências de criação e recriação de sentido. Multívocas, polissêmicas, as palavras poéticas revelam-se grávidas de outros sentidos, além do literal e do imediato. Assim, chamam a ler criadoramente, chamam a interpretar, chamam a reconhecer e a atribuir significado. E esta significação não é apenas conceitual, mas também o sentimento de estar vivo e pode dizer. A poesia desperta a alegria de pensar, o desejo de conhecer, a paixão de comunicar (ANTONIO, 2002, p.17).

⁵ A carne não é matéria, não é espírito, não é substância. Seria preciso, para designá-la, o velho termo “elemento”, no sentido em que era empregado para falar-se da água, do ar, da terra e do fogo, isto é, no sentido de uma *coisa geral*, meio caminho entre o indivíduo espaço-temporal e a ideia, espécie de princípio encarnado que importa o estilo de ser de todos os lugares onde se encontra uma parcela sua. Neste sentido, a carne é um “elemento” do Ser. Não fato ou soma dos fatos e, no entanto, aderência ao *lugar* e ao *agora*. Ainda mais: inauguração do *onde* e do *quando*, possibilidade e exigência do fato, numa palavra, facticidade, o que faz com que o fato seja fato (MERLEAU-PONTY, 2000, p. 136).

A poesia vibra em cada célula do corpo humano e faz da existência um movimento que rompe cada partícula do senciente, explodindo o Ser de forma indeterminada, desconstruindo a ideia de algo acabado para, em seguida, construir uma nova existência que não para de se renovar.

O estado poético de delírios e devaneios ilumina as profundezas do ser corpóreo por intermédio de múltiplas imagens que penetram no núcleo celular da existência sensível, num alvorecer poético de símbolos os quais unem o poeta e o mundo para realização da poesia. Cada momento vivido no campo da criação poética é singular e surpreendente, fazendo a existência escorrer entre os vales de um viver descomprometido com as coisas da sisudez e da seriedade. Ele leva a vida para o jardim da ludicidade criativa, mesmo que a poesia seja arrancada das entranhas da dor e da tristeza, pois a construção da poesia revela, das profundezas do poeta, um mundo de encantamento, leveza e enternecimento por intermédio da sensibilidade e da expressão criativa. Nesse sentido, percebo que a alma do poeta navega por um mundo de exploração da potência sensitiva, no qual o poeta caminha com os passos do sentir, descobrindo novas visões e novos movimentos, que, até então, não tinham sido vividos pela dimensão corpórea, nem experimentados por intermédio da experiência estética.

No estado poético se descortina o espírito nômade que, nos influxos de suas aventuras, nos precipita nos riscos dos perigos que desconcertam e entusiasma; se projeta o espírito travesso e despojado da criança que se desmancha de alegria com as estripulias das revoadas de suas pipas. O poético suscita o espírito saltimbanco entre as veredas das paragens desgrenhadas do viver; penetra nas ondações do aleatório instigando o espírito brincante na expressão desmesurada de seu vadiar. Traduz, com leveza e despojamento, a dança sincopada da plasticidade do jogo vivente, das ondulações do ser-sendo (ARAÚJO, 2008, p. 128).

A poesia busca do profundo da existência, movimentos de vibrações de um Ser que se mostra de maneira “selvagem” (sentido de criação), o qual se joga para o mundo sem temer os abismos do racionalismo, que compõe a repetição das coisas frias, vazias e sem beleza. Cada palavra, cada gesto que surge, já vem carregado de pequenos movimentos repletos de ações poéticas, sem mesmo se preocupar com o que vai acontecer. O gesto que surge quando menos se espera; a ação tácita que estava oculta; o olhar que se direciona para o

mundo; o grito da respiração alterada; o movimento inesperado; a inquietação do corpo; o mover-se explosivo; a expressão radiante do corpo em movimento; o aumento da temperatura corporal; o pulsar do coração de forma acelerada; a alteração orgânica; o bailar dos sentidos: são momentos do corpo na construção poética, fazendo, de cada ação, um universo grávido de poesias que vão sendo elaboradas de acordo com o ritmo do corpo que se mexe e se contorce, numa estesia de múltipla sensibilidade, dando o parto final da elaboração poética. É o atirar-se ao mundo por meio da expressão criativa que o poeta elabora pela linguagem seu mundo de poesia.

A metafísica do estado poético revela as inquietações do poeta no mundo vivido, desvelando o ser poeta a cada palavra, a cada expressão, que por meio do tecido da experiência estética expande a existência, rompendo as muralhas do determinismo intelectual, que só valoriza a mente (razão) e não enxerga, no corpo, o conhecimento e a raiz profunda da ontologia humana.

O corpo nos une diretamente às coisas por sua própria ontogênese, soldando um ao outro os dois esboços de que é feito, seus dois lábios: a massa sensível que ele é, e a massa do sensível de onde nasce por segregação, e a qual, como vidente permanece aberto (MERLEAU-PONTY, 1999, p.132).

A abertura do vidente com o visível aproxima mundos num ajuntamento corpóreo de contatos sinérgicos o qual, pela poesia, entrelaça seres numa unicidade de existência para um estado senciente que expande ontologicamente o viver estético alargando os horizontes para outra forma de existência, a partir do afastamento para realização de um novo ajuntamento.

O tocar-se, ver-se, do corpo é para ser compreendido a partir do que dissemos do ver e do visível, do tocar e do tocável, e, não é um ato, é um ser para. Tocar-se, ver-se, a partir disso, não é aprender-se como objeto, é abrir-se, a si, ser destinado a si (narcisismo) – Não é portanto, alcançar-se, é, ao contrário, escapar-se, ignorar-se, o si em questão é o afastamento (MERLEAU-PONTY, 2000, p.226).

Aproximando e afastando, a poesia liberta a existência para voos altos e distantes, muito além das muralhas do racionalismo fechado e dos caminhos determinados pelos padrões sociais de determinada sociedade a serem seguidos. Os versos, feitos das inquietações da alma que busca horizontes, são as asas procurando novas formas de vida, novas maneiras de ser e estar, inusitados horizontes nunca vistos e caminhos fechados que gritam para serem abertos.

A poesia é o grito que vem da profundidade corpórea por meio da expressão criativa, ecoando as angústias ou alegrias da alma inquieta revelada de forma intensa, contagiando o mundo vivido por intermédio do fervor poético.

No silêncio da existência poética, a poesia manifesta-se nas interseções do corpo em movimento. Ela é filha do silêncio e dos intervalos da palavra que ainda não foi dita, do gesto que ainda não se fez presente. No momento tácito, o Ser poeta revela-separa o mundo numa metafísica em que o silêncio fala mais alto do que milhões de ruídos vagos e repetitivos do racionalismo mecânico e superficial. “A poesia fala das coisas sobre as quais devemos nos calar, por não conseguirmos dizer. Ela é emergência, uma irrupção no indizível” (ANTONIO, 2002, p. 29). A poesia precisa do silêncio para mostrar a sua voz pela delicadeza dos ritmos e dos sons que ela emite nos dizendo o indizível de um mundo invisível que se constrói e se revela a cada momento, por meio da palavra poética.

A metafísica⁶ do estado poético, a partir do mundo vivido, revela-se tanto através dos turbilhões da alma inquieta como do silêncio no intervalo do corpo em movimento. Assim, o Ser da poesia se faz presente no mundo da criação, pelas indeterminações de uma vivência estética e imprevisível. Essa forma inconstante que a poesia tem de se fazer mundo, faz-nos compreender que cada sentido que ela constrói é um mundo.

Cada “sentido” é um mundo, e, absolutamente incomunicável para outros sentidos, e, no entanto, constrói *um algo* que, pela sua estrutura, de imediato se abre para o mundo dos outros sentidos e com ele constitui um único Ser (MERLEAU-PONTY, 2000, p. 202).

O Ser Selvagem é o Ser da criação e da ruptura. Ele amplia a existência, juntando paradoxos e revelando novas formas de estar no mundo por meio da transubstanciação, numa metafísica entrelaçada com as coisas do mundo.

⁶Fazer metafísica não é entrar num mundo de conhecimento separado, nem repetir fórmulas estereis como estas quenos servimos aqui – é ter experiênciaplena dos paradoxos que indicam, é verificar sempre de novo o funcionamento discordante da intersubjetividade humana, é procurar pensar até o fim os mesmosfenômenos investidos pelaciência, restituindo-lhesomentesuatranscendência e estranheza originárias (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 140).

A “filosofia selvagem” (da criação, da ruptura) de Merleau-Ponty se mostra como ponto de partida e de chegada, sempre abrindo novos campos de interrogações em buscas incansáveis para outras compreensões do mundo e de nós mesmos, nos aproxima das coisas e nos convoca a afastarmos delas, para que a cada nova aproximação sejam compreendidas novas formas de ver o mundo.

O mundo da poesia é o mundo do poeta, ambos estão sempre se renovando, buscando o cruzamento de múltiplas coisas, novas entradas e novas junturas. Seu sentido fenomenológico se faz no dia a dia, sempre abrindo espaços para outros fazeres e dizeres, interrogando e colocando o mundo em suspenso, tal qual a filosofia de Merleau-Ponty⁷.

O fazer poético surge da imprevisibilidade do poeta com o mundo, no inter cruzamento das coisas que estão acontecendo no exato momento, como o início do que nunca aconteceu, partindo de um zero para a realização de múltiplas coisas que se sucedem. A vivência estética, através da criação, não se repete. A cada nova experiência do Ser poeta, novas sensibilidades são vividas de forma intensa como se fosse a primeira vez. Há sempre um começo diferente para cada instante da criação, a qual surge sempre de forma inesperada.

A poesia nasce do entrelaçamento do mundo percebido e vivido pelo poeta, tais quais os galhos da árvore que se abraçam, interligando-se numa simbiótica relação de contatos, oferecendo a seiva da vida para o crescimento de ambos, desenvolvendo-se para o mundo, sem dominação nem hierarquias, tal qual a mão que toca e a que é tocada, sendo ambas, de acordo com Merleau-Ponty, tocantes e tocadas.

Por intermédio do pensamento de Merleau-Ponty sobre a mão que toca e a que é tocada, como ambas tocantes e tocadas, o corpo é tocado pelo mundo, e, sendo assim, os sentidos se abrem. Nesse contexto, a poesia surge dando sentido à existência, na qual o entrelaçamento do corpo com o mundo torna o poeta e o mundo, um único sujeito, mostrando-se indivisível, pois ambos são carne do mesmo mundo.

É a materialização da poesia, não no sentido de objeto pronto, acabado, mas sim de algo que se constitui e abre espaço para que ela seja sempre uma forma inacabada, algo que está sempre se compondo e se recompondo. Uma eterna lapidação do sensível para sua realização na forma de um movimento dialogado com as coisas do mundo, amplas e imprevisíveis.

⁷Mostrar que a filosofia como interrogação (isto é, como acomodação em volta do isto e do mundo que lá está, de um oco, de um questionamento, onde isto e mundo devem *eles próprios* dizer aquilo que são, - isto é, não como pesquisa de uma variante da linguagem, de uma essência léxica, mas como busca de um invariante do silêncio, da estrutura) só pode consistir em mostrar como o mundo se articula a partir de um zero de ser que não é o nada, isto é, em instalar-se na margem do ser, nem Para si nem no Em si, na juntura, onde se cruzam as múltiplas *entradas* do mundo (MERLEUA-PONTY, 2000, p.234 - 235).

O fazer poético aproxima as coisas para o diálogo, mas também se afasta para uma redução⁸ ou estranhamento, ficando em silêncio para observar, e, em seguida, apalpar e esposar as coisas do mundo através do olhar sensível, que percebe o imperceptível. Este não é algo que está escondido atrás dos outros, mas que se faz presente, como a semente que guarda, na sua latência, as folhas, os galhos, o tronco, os frutos, as flores, o perfume e outras sementes.

Ao apalpar as coisas do mundo, a visão sensível do poeta, percebe para além das coisas prontas e definitivas. Há sempre um olhar de profundidade para um mundo que ainda não se fez presente. Aquilo que, muitas vezes, é visto e é revisto pelo olhar comum, o olhar poético alcança e consegue ver outras coisas, pois o olhar sensível se posta a ver as coisas como se fosse pela primeira vez, partindo de um zero em busca do intercruzamento do que está para acontecer. A cada criação poética, outro sentido se faz presente como um novo mundo, e a sua iluminação de nos mostrar as coisas tem sempre seu princípio e diferenciação que pode levar a outros sentidos e, juntos com eles, a fundação de um novo Ser.

No universo da criação poética, os versos realizam-se dos sutis lampejos que acendem o universo da dimensão corpórea, numa metafísica na qual a poesia torna-se luz e faz da existência uma constelação que revela, por meio do logos estético, a expressão de um mundo que está sempre se expandindo para novos sentires e novas revelações do Ser poeta.

A poesia desnuda o poeta por intermédio da criação. Essa nudez corpórea dos sentidos revela as intimidades poéticas de um corpo sensível que se realiza pelos contatos do poeta com outros corpos e com as coisas do mundo.

O doar-se ao mundo, entregando-se a ele, é o meio de ser afetado pelas coisas que sempre estão à vista e entregues ao contato do corpo, que, como um tecido, recebe as agulhas do costurar sensível de um mundo visível e aberto ao olhar e aos outros sentidos.

Só se pode fazer poesia se o corpo olhar através do sensível o que está em si e o que o circunda, Não se pode falar ao mundo se o poeta estiver de costas para ele. O mundo precisa ser penetrado nas suas profundezas, precisa ser apossado, precisa ser tomado para que a poesia mova o corpo, e o corpóreo se transforme no logos estético. É preciso viver a poesia, degustá-la com o paladar do sentido estético, vivê-la de maneira intrínseca, mergulhar nas profundezas das palavras, sentir a sua respiração e o seu ritmo de ser, com seus sons, seus movimentos e suas formas de sedução.

⁸Essa noção diz respeito ao sentido de perceber as coisas como se fosse pela primeira vez. É o afastar-se daquilo que está posto ao primeiro olhar e buscar numa outra visão um horizonte de sentidos, tendo cuidado para não se acostumar com o percebido (MERLEAU-PONTY, 1999).

Para adubar a poesia, são necessárias as águas da experiência estética e do ato de se fazer mundo, de entregar-se, como a natureza recebe o sol todas as manhãs, sabendo da sua iluminação e revelando as cores diferentes a cada aurora.

A fluidez dos sentidos abertos para as coisas e para si próprio é o que faz do poeta e da poesia dois seres entrelaçados para realização da expressão criativa. Basta que alguma coisa ou algum movimento se faça presente no mundo sensível do poeta, afetando-o, que ele a transforma em poesia. Esse ajuntamento das coisas do mundo com o poeta é imprevisível, e ele mesmo não sabe ao certo como acontece, justamente por chegar de maneira indeterminada. É o ver e o sentir do estado poético por intermédio do qual o mundo se transforma em poesia.

Basta que eu veja alguma coisa para saber juntar-me a ela e atingi-la, mesmo se não sei como isso se produz na máquina nervosa. Meu corpo móvel conta com o mundo visível, faz parte dele, e por isso posso dirigi-lo no visível. Por outro lado, é verdade que a visão depende do movimento. Só se vê o que se olha. Que seria a visão sem nenhum movimento dos olhos, e como esse movimento não confundiria as coisas se ele próprio fosse o reflexo ou cego, se não tivesse suas antenas, sua clari-vidência, se a visão não se antecipasse nele? Todos os meus deslocamentos por princípio figuram num canto de minha paisagem, estão reportados ao mapa do visível. Tudo que vejo por princípio está ao meu alcance de meu olhar, assinalado no mapa do “eu posso”. Cada um dos mapas é completo. O mundo visível e dos meus projetos motores, são partes totais do mesmo Ser (MERLEAU-PONTY, 2004, p. 16).

O corpo não é um amontoado de peças distintas, visto pela anatomia e a fisiologia mecanicista, embora estas tenham uma contribuição importante para o estudo especializado do corpo humano. O sentido corpóreo é muito amplo, é um entrelaçamento de diversos símbolos que fazem parte da existência, entre elas, a poesia. Por isso, há de se buscar sempre aprofundar os estudos e as pesquisas sobre a relação corpo e poesia no processo da expressão criativa.

Pelo fato de o corpo não fazer parte do inteligível, como sempre se acreditou, desde as filosofias clássicas, mas precisamente desde Platão, que concebia o mundo sensível como vulnerável de confiança e ausente das ideias, estas imutáveis e seguras, Descartes ratificou o pensamento do referido filósofo

acerca da negação do sensível através do seu cogito “eu penso, logo existo”. Essa pequena reflexão acerca do pensamento clássico sobre o corpo pode ser aprofundada em Nóbrega.⁹

Se ainda hoje temos concepções cristalizadas acerca do processo da criação das coisas a partir da mente, da razão, isso se deve ao fato não termos rompido com a couraça fechada do pensamento positivo, de negação ao corpo, como se este não participasse de todos os processos de criação ou da fundação do sensível no mundo da criação.

Se o “eu penso” cumprisse o seu status tão defendido pelos cartesianos, a poesia seria uma mera elaboração do pensamento, sem a participação do corpo e do mundo. Se o corpo é feito de partes distintas, como acreditam a anatomia e a fisiologia mecanicistas, teríamos de procurar em cada órgão, em cada lugar, o canto exato onde é elaborada a poesia, como se fosse necessária uma dissecação do cadáver para entender o corpo humano no processo da criação poética.

Como o corpo humano é vida, e a vida não deve ser explicada somente através de laboratórios ou de pensamentos de sobrevoos, é necessário entendê-la a partir da sua relação com o mundo vivido. Por isso, a fenomenologia de Merleau-Ponty é uma tentativa de compreender o homem a partir da sua experiência vivida, abrindo um imenso leque da relação do homem com seu corpo, com a cultura e com o mundo vivido.

Trocando-se o “eu penso”, defendido pelos cartesianos, para o “eu existo”, de Merleau-Ponty, veremos a possibilidade de uma ampliação sobre a compreensão de nós mesmos, como seres do mundo, que está à nossa frente de forma inesgotável, que precisa ser conquistado, não através do pensamento positivo, mas por intermédio da dimensão corpórea, entregando-se ao corpo e ao mundo, entrelaçando-se aos seus movimentos constantes de criação e recriação.

O que anima o corpo quando se trata da poesia é a reversibilidade de uma visão mecanicista do mundo para uma visão sensível do fazer poético. Essa reversibilidade põe sentido à existência e alarga o horizonte para uma visão mais profunda do que está no mundo e no próprio corpo. Anima o sentiente/sensível para uma afetação do movimento das coisas que estão postas entre o vidente e o visível, como forma de aproximação e de contatos.

A animação do corpo não é uma junção de partes umas às outras – nem, aliás, a descida do autômato de um espírito vindo de alhures, o que suporia ainda que o pró-

9NÓBREGA. Terezinha da. *Corporeidade e Educação Física: do corpo-objeto ao corpo-sujeito*. Editora da UFRN, Natal (Brasil), 2000.

prio corpo é sem interior e sem “si”. Um corpo humano está aí quando, entre visível e vidente, entre tocante e tocado, entre um olho e o outro, entre a mão que produz uma espécie de recruzamento, quando se acende a faísca do senciente-sensível, quando se inflama o que não cessará de queimar, até que um acidente do corpo disfarça o que nenhum acidente teria bastado para fazer {...} MERLEAU-PONTY, 2004, p.17;18).

O mundo da criação poética não tem limites e não é determinado. Acontece no momento em que pensamos que tudo já foi criado e que ele não tem mais que dizer. Por mais que procure organizar o momento exato, ele se cala, fica em silêncio e depois surge de forma inesperada, arrebatando a existência. Não é algo finalizado à nossa frente ou que é preciso buscar em algum lugar. Está dentro do corpo e no mundo, e a sua forma de se manifestar tanto pode ser no barulho de um mundo em turbulência como pode ser no silêncio plácido de algum lugar.

Como uma andarilha na estrada dos sentidos, a poesia percorre o corpo em todas as direções e, quando a estrada torna-se previsível, entra na floresta virgem da criação para abrir novos caminhos, procurando outras formas de revelar sua existência e a presença do Ser poeta no mundo, mostrando outras alegorias de construções e de imagens reveladas. Ela é um Ser que não tem projeto definidos para a sua existência. É a fluência indeterminada da vida que transcende da subjetividade intuitiva, que brota do coração da semente do sensível e floresce a estética com seus tons de cores sonoras no bailar melodioso em movimento poético para realização da expressão criativa.

A poesia é filha e mãe da imprevisibilidade! As técnicas de construção poéticas são apenas formas de ornamentação para enriquecê-la de ritmos e de sons. O que é de relevante importância é a sua forma indeterminada e imprevisível de mostrar o Ser poeta para além da sua própria compreensão, pois a poesia não necessita de se mostrar apenas pelo seu estilo de construção, mas sim, pela sua forma móvel e imprevisível de revelar o Ser no mundo.

Como não vemos os nossos olhos e as nossas costas, que se ocultam do campo da percepção visual, a poesia também se oculta no silêncio dos sentidos, antecedendo a criação. Apesar de vermos nossos olhos e nossas costas pelo espelho, a poesia amplia a visão e consegue espelhar o nosso corpo ampliando a existência e revelando um mundo de imagens e de movimentos, que, através da transubstanciação da expressão criativa, ontologicamente mostra o corpo com todos os lados, superfícies e profundidade, demonstradas por intermédio da expressão criativa.

Considerações Finais

O fenômeno da criação poética é a manifestação da existência do poeta, revelando sua expressão sensível e o tornando um ser presente no mundo. Da percepção, do movimento, fluem elaborações que constroem ressignificações do casual, do que é considerado comum, e o transforma em poesia, fundando uma nova significação. Cada palavra que surge, apresenta-se carregada de idiossincrasia, mas também de elementos culturais. O jeito de ser do poeta e o mundo vivido mostram-se nos versos, e também no impensado, abrindo caminho para outra maneira de ser e estar no mundo, a qual possa ser evidenciada e dita de outra forma, revelada em uma dimensão antes não percebida. É esse movimento que torna a criação inesgotável, pois a cada aproximação e revelação, surge um espaço, onde o silêncio de outra criação repousa nas dobras da linguagem, aguardando o momento exato para eclodir do corpo do poeta e afetar outras existências com os brilhos da poesia.

As contingências e aporias do poeta... Suas interrogações de ser e de mundo, impulsionam o processo da criação, fazendo germinar a dúvida sobre sua própria poesia, como a que Paul Cézanne tinha ao pintar as suas obras, interrogando a si mesmo e seu trabalho artístico. Esse movimento de inquietação e ambiguidade move a dimensão sensível do poeta, despertando o estado estesiológico, acionando os sentidos para uma percepção mais aguçada para vê as coisas do mundo e as da própria existência.

Cada verso que surge da amplitude sensível do poeta mostra um mundo borbulhante de sentidos, sempre grávidos de pulsações variadas, revelando horizontes de uma existência que se alimenta da percepção sensível e do eterno contato consigo mesmo. É um elo que se estende a cada criação poética, e por mais que possamos imaginá-lo fechado, ele se abre e mostra outras configurações, nas diversas formas de poesias. É como o movimento das águas que se evaporam, transformam-se em nuvens, e depois em chuva, para germinar lindas flores no campo agreste.

O fazer poético é um mergulho no mar profundo da subjetividade. Na região abissal da existência do poeta, pulsam milhares de seres que são versos fulgurando as cores da vida, mostrando um coral de poesias, repleto de movimentos, aguardando os movimentos das ondas da expressão criativa para desaguar na praia de um logos estético.

Ao ler uma poesia, mergulhamos no mundo sensível do poeta e tornamos a fazer parte da sua vida, sendo afetado pelo que ele sentiu, imaginou e criou. Essa troca sensível, realizada pelos elos da poesia, aproxima mundos distintos, dialoga sentimentos, e muitas vezes nos sentimos parceiros ou cons-

trutores de poesias que, à primeira vista, não foram construídas por nós. Esse entrelaçamento mostra que as coisas não estão separadas, mas sim, numa constante comunicação com o que está em nosso entorno e em nós mesmos.

A poesia, o poeta e o mundo, são seres entrelaçados que se realizam por meio das palavras, impulsionando a experiência estética para uma nova forma de perceber muito além do previsível, do determinado e do linear. Esse abraço afetuoso, por meio da poesia, abre uma estrada sensível, cheia de curvas, para diversas retas de subjetivação e expressão, sempre abrindo horizontes de sentidos.

É impossível a poesia surgir sem a participação do sensível do poeta e da sua ligação com o mundo em que está inserido. Como a vida se estende na sua mais ampla plasticidade, o poeta estará sempre sendo afetado pelas coisas do mundo, pelo movimento da vida, na sua dinâmica forma de ser. Grávido de uma subjetivação profunda, o poeta vive num delírio de introspecção permanente, movendo os sentidos para captar as coisas do mundo, e depois, transformá-las em poesias.

Recebido em: 01.03.2016 Aprovado em: 24.03.2017

Referência Bibliográfica

ANTONIO, Severino. A utopia da palavra: linguagem, Poesia e Educação. : Rio de Janeiro (RJ): Editora Lucena 2002.

ARAÚJO, Miguel Almir de. Os sentidos da sensibilidade: sua fruição no sentido de educar. Salvador (BA): EDUFBA:2008.

GOMES, José. São José do Egito: Musa do Pajeú, Organização: Terezinha Costas, Recife (PE): Assessoria Editorial do Nordeste, 1985.

MERLEAU-PONTY, Maurice. A Prosa do Mundo, Tradução: Fábio Neves. São Paulo (SP): Editora. Cosac & Naify, 2002.

_____. Conversas. Tradução: Fábio Landa e Eva Landa. São Paulo (SP): Martins Fontes, 2004.

_____. Fenomenologia da percepção, Tradução: Carlos Alberto Ribeiro Moura. São Paulo (SP): Martins Fontes, 1999.

_____. Os pensadores. Capítulo: O Fenômeno da Linguagem, Tradução: Marilena Chauí, São Paulo (SP): Editora Nova Cultural, 1989.

_____. O olho e o espírito, Tradução: Paulo Neves, Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. São Paulo (SP): Editora Cosac & Naify: 2004.

_____. O visível e o invisível, Tradução: José Artur Gianotti e Armando Mora d'Oliveira. São Paulo (SP): Editora Perspectiva: 2000.

_____. Psicologia e pedagogia da criança, Tradução: Ivone C. Benedetti. São Paulo (SP): Editora Martins Fonte: 2006.

NÓBREGA, Teresinha Petrucia da. Corporeidade e educação física: do corpo-objeto ao corpo-sujeito. Natal (RN): EDUFRN: 2000.

_____. Uma Fenomenologia do Corpo. São Paulo (SP): Livraria da Física: 2010.